



## “PORQUE EU SÓ LEIO HOMEM?” UMA ANÁLISE SOBRE O LUGAR DA MULHER NO ENSINO DE TEORIA ANTROPOLÓGICA NO NORDESTE

Guadalupe do Nascimento Ferreira

Universidade Federal de Alagoas  
guadalupeferreira2015@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho aborda relações de gênero e ciência inseridas no contexto da antropologia, e parte de algumas inquietações levantadas por intermédio da experiência de ingressar como aluna no Curso de Ciências Sociais no qual possibilitou uma certa aproximação com a vertente disciplinar antropológica. Desse modo a inquietação foi direcionada para as ementas das disciplinas referentes a teoria clássica, nos quais é evidente a escassez da presença de autoras mulheres, quando a maioria dos textos obrigatórios para a leitura e participação das aulas são referências masculinas. Essa experiência foi pertinente para emergir a seguinte questão central para esse estudo: “Porque eu só leio homem?”. Assim, pretendo por meio de uma revisão atenta nas ementas de teoria antropológica do Nordeste, como também uma visita nos primórdios da disciplina com o auxílio do livro “Antropólogas e Antropologias” da antropóloga Mariza Corrêa (2003) tentar responder essa questão, buscando contribuir para o ensino e produção de conhecimento menos desiguais.

**Palavras-chave:** Gênero; raça; Antropologia; Ciência

### Introdução:

A antropologia é conhecida pela sua forma de lidar em campo com os seus interlocutores, a relação e a duração na qual os pesquisadores dessa área utilizam seguindo o seu método de observação participante, busca se fixar na região pesquisada por um período relativamente longo de tempo, tentando participar e ao mesmo tempo observar o cotidiano que pretende descrever e analisar. Dialoga sobre as diversas formas de vida como parte das suas próprias lógicas, na busca por quebrar através da relativização generalizações dos estereótipos correspondentes ao senso comum, que estão totalmente vinculadas as formas de opressões sociais as quais nós

estamos sujeitos e que ao mesmo tempo reproduzimos, chamado pela antropologia de etnocentrismo, chega até ser romântico o meu olhar para essa disciplina, mas foi assim que ela me cativou. Porém não vou alongar o debate sobre o método etnográfico da antropologia, mas sim, irei questionar a forma como essa disciplina é passada em sala de aula, para estudantes da graduação, dessa vez tentando analisar os gêneros dos autores escolhidos para passar o conteúdo.

Assim, inicialmente ao escrever esse trabalho pensei em abordar somente relações de gênero e ciência inseridas no contexto da antropologia, porém, devido a forma com a qual fui concebendo os dados e ao mesmo tempo num contexto de grande discussão sobre



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

raça dentro da Antropologia, optei por também incluir esse marcador, para um debate mais rico. Trago aqui parte de algumas inquietações levantadas por intermédio da experiência de ingressar como aluna no Curso de Ciências Sociais e posteriormente no mestrado em Antropologia Social, no qual possibilitou uma certa aproximação com a vertente disciplinar antropológica. Desse modo a inquietação foi direcionada para as ementas das disciplinas referentes a teoria clássica, nos quais é evidente a escassez da presença de autoras mulheres, quando a maioria dos textos obrigatórios para a leitura e participação das aulas são referências masculinas. Essa experiência foi pertinente para emergir a seguinte questão central para esse estudo: “Porque eu só leio homem? ”.

Lévi-Strauss, Malinowski, Franz Boas, Victor Turner, L. Morgan, Murray Leaf, Nina Rodrigues, James Frazer, Gilberto Freyre, Marcel Mauss, Adam Kuper, Lucien Levi-Bruhl, Edmund Leach, Evans-Pritchard e Radcliffe-Brown, apesar das diferenças das suas linhas de pesquisa e heranças teóricas, são homens supracitados seja em aulas ou em trabalhos sobre a disciplina, apesar de que hoje em dia suas teorias já foram a muito tempo ultrapassadas, ainda possuem em suas obras grandes contribuições para o desenvolvimento no decorrer da história do método etnográfico. É inegável as contribuições desses grandes

teóricos para a antropologia, porém também é importante demarcar algumas considerações sobre como o gênero e a história dessa disciplina dialogam, iniciando com as obviedades da ausência de nomes no gênero feminino nas ementas.

Então, aqui é o momento para relemos um pouco dessa história e dialogar um pouco sobre as relações de gênero no processo em que a Antropologia se constituiu como um método de pesquisa. Desse modo, esse desafio foi proposto de uma forma mais acentuada, quando no início desse ano efetuei a matrícula em uma disciplina no mestrado em Antropologia Social: Teoria Antropológica I, ministrada pela Professora Silvia Martins. As vivências propostas pelas aulas dessa disciplina efervesceram inquietações que já eram pertinentes na graduação, no sentido de demonstrar que a maioria dos clássicos apresentados nos seminários das aulas, onde cada aluno era responsável por uma obra de um autor clássico, esses autores eram sempre em sua maioria homens.

Ao mesmo tempo em que duas dessas aulas também aumentaram as problematizações ainda manifestas somente na minha mente. Uma dessas aulas, apesar de tratar sobre a obra de uma mulher Margaret Mead, foi norteada por seus assuntos amorosos, com muitas brincadeiras sobre alguns dos seus relacionamentos, dentre eles o



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

seu triangulo amoroso tão falado com Ruth Benedict. Sua importância teórica parecia ter sido reduzida por suas aventuras amorosas, e assim não foi vista com tanta seriedade quando compara-se com alguma apresentação de uma obra masculina, que apesar dos deslizes metodológicos relacionados a época em que o autor escrevia, era altamente perdoado por sua contribuição, seja ela qual fosse. Porém a outra aula, na qual também descrevo como importante para as problematizações aqui levantadas, dizem respeito sobre a antropóloga Ruth Landes, que antes dessa disciplina ainda não conhecia, não foi leitura obrigatória das aulas da graduação, vindo só conhecê-la na pós-graduação. A importância de Mariza Correia e Miriam Grossi serão destacadas, por buscar na história da antropologia, várias mulheres que nem se quer chegaram a ser esquecidas, se para esquecer precisamos conhecer, sim elas não chegaram a ter seus conhecimentos dialogados, ao meu ponto de vista, dentro das salas de aula que participei como aluna da graduação.

Pensando na produção científica, Donna Haraway (1995) tenciona dialogar sobre a “objetividade da ciência” destaca que o “eles” imaginado constitui uma espécie de conspiração invisível de cientistas e filósofos masculinistas, dotados de bolsas de pesquisa e de laboratórios, já o “nós” imaginado (que corresponde a nós mulheres), são os outros

corporificados, a quem não se permite não ter um corpo, ou seja, de não perceber o seu lugar como um marcador importante para a pesquisa, um ponto de vista finito e, portanto, o nós possui um viés desqualificado e poluidor em qualquer discussão relevante, fora de nossos pequenos círculos. Nossa saber é sempre visto como menos exato, menos objetivo, no qual é a essa exatidão que a autora busca criticar, afirmado que ela é o grande mito masculinista da ciência, ou seja, nessa direção submerge algumas reflexões sobre como o conhecimento é teorizado em um movimento de poder e não como um movimento em direção a uma verdade absoluta.

### “Ementas tem gênero?!”

Nesse momento evoco para o diálogo um pouco da história da antropologia por meio das ementas de ensino de Teoria Clássica I e II, a documentação trabalhada foi estendida do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas para outros cursos do Nordeste, tendo em vista a possibilidade de enriquecer mais ainda o debate. O material foi coletado por via do acesso à internet nas páginas virtuais dos cursos de Ciências Sociais e Antropologia, por questões éticas optei por não divulgar os nomes das 4 instituições que tiveram suas ementas analisadas, por meio dessa tarefa com esses documentos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

institucionalizados busco destacar como se configuram as relações de gênero, a princípio verificando a quantidade de autores homens e mulheres citados como leitura obrigatória ou complementar dessas disciplinas, sem deixar de lado o período em que essas ementas foram construídas.

Aqui, a tarefa não será de fazer uma revisão bibliográfica densa dessa literatura, mas sim de dialogar sobre a análise da presença ou ausência de mulheres e da produção e reprodução do conhecimento em sala de aula. Pensando antes de tudo com a perspectiva de Foucault (2005), quando o autor ajuda a perceber que o ponto essencial não é demonstrar a repressão sobre o sexo, ou nesse caso, “como as mulheres são invisibilizadas”, mas sim de levar em consideração os modos de se falar, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que ele se diz.

Indo a fundo nas ementas, tendo elas como os dados, resolvi sistematizar da seguinte forma, separando em objetivos dos professores e suas instituições, e mais especificamente decidi separar os autores das bibliografias obrigatórias e complementares em nomes femininos e masculinos, tentando analisar a quantidade de vezes que são citados, destacando se houve repetição de um mesmo autor.

A disciplina de Antropologia I tem seu enfoque voltado para os objetos, divisões e subdivisões da Antropologia. Pensando no surgimento da disciplina com seu viés colonizador e na formação da Antropologia científica junto ao evolucionismo cultural do século XIX, destacando os seus limites. Franz Boas se torna uma das figuras principais dessas ementas, vindo com o surgimento da Antropologia Moderna. Dois termos são essenciais para essa disciplina: Cultura e etnocentrismo. Ela está pautada em fazer uma introdução à disciplina privilegiando o surgimento, a constituição do objeto de estudos, a relação com o colonialismo, o conceito de cultura e o método etnográfico. Busca traçar um panorama das primeiras correntes de pensamento e do trabalho de campo antropológicos que sirva como referência para o estudo aprofundado da teoria e método.

Iniciando com a ementa da qual usufrui como aluna e se estendendo para outras de outros estados do nordeste. Foi nítida a forma como os nomes de autoras mulheres foram pouco citados e assim posteriormente pouco utilizados nas aulas. Porém, por outro lado existe uma grande diversidade na forma como essa disciplina é ministrada, devido à grande diversidade das formas como o ensino é influenciado pela região e diversas forças políticas, de gênero, sexo, raça, classe e outros



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas

diversos marcadores. A ementa correspondente a Antropologia I, de 19 autores citados, 2 nomes eram do gênero feminino. As autoras com os nomes no gênero feminino citadas foram: Ceres Victora e Mariza Corrêa<sup>1</sup>. Os autores com os nomes no gênero masculino foram: Clifford Geertz, Everardo Rocha, Angel-B Espina Barrio, Denis Cuche, Roque de Barros Laraia, João Pacheco de Oliveira, François Laplantine, Roberto Damatta, Edward Evans-Pritchard, Lewis Henri Morgan, Darcy Ribeiro, Raymundo Nina Rodrigues, Edward Burnett Tylor, João Pacheco de Oliveira, Gilberto Freyre e Franz Boas, esse último foi citado 7 vezes.

Em outra ementa referente a mesma disciplina, mas de outro estado, de 25 autores citados, 3 nomes eram do gênero feminino. As autoras com os nomes no gênero feminino citadas foram: Jeanne Favret-Saada, Giselle Carino Lage e Maria Graham. Os autores com os nomes masculinos foram: Denis Cuche, Celso Castro, Edward Evans-Pritchard, Franz Boas, Horace Miner, Bernardo Bernardi, George Gardner, Everett Frost, Adamson Hoebel, Jean-Pierre Warnier, Phillippe Laburthe-Tolra, Claude Lévi-Strauss, Alfred Métraux, Edgar Morin, Everardo Rocha, Jean Jacques Rousseau, Gabriel Soares de Souza, Hans Staden e Tzvetan Todorov, no caso de Roberto Damatta, François Laplantine, Roque

de Barros Laraia, cada um desses autores foram citados 2 vezes

Agora analisando as ementas de Antropologia II, disciplina que busca estudar o funcionalismo, a Antropologia Social Britânica e a Escola Francesa, as relações entre o culturalismo e o materialismo no desenvolvimento da Antropologia Norte-Americana, o processo de descolonização, o estrutural-funcionalismo com as escolas de Manchester e Cambridge, destacando o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss. Em uma das ementas de 10 autores citados 3 nomes eram do gênero feminino. As autoras com os nomes no gênero feminino foram: Ruth Benedict, Margaret Mead e Mary Douglas foram citadas somente uma vez. Já os autores com os nomes no gênero masculino foram cada um, citados mais de 2 vezes: Alfred Radcliffe-Brown, Edward Evans-Pritchard, Edmundo Leach, Marcel Mauss, Claude Lévi-Strauss e Marshal Sahlins.

Em outra ementa também correspondente a Antropologia II foi analisada que de seis autores, só dois nomes eram do gênero feminino, pensando assim, até que não está tão ruim, porém desses seis nomes, um foi citado oito vezes, sim, um autor do gênero masculino. As autoras com os nomes no gênero feminino citadas foram: Mary Douglas

<sup>1</sup>O livro dessa Antropóloga trabalhado em sala de aula foi "As ilusões da liberdade. A Escola Nina Rodrigues e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
Rede de Estudos e Pesquisas da Mulher

e Bela Feldman-Bianco. Os autores com os nomes no gênero masculino foram: Edmund Leach, Roberto Cardoso de Oliveira, Adam Kuper e Levi-Straus, esse último foi citado oito vezes.

Bom, o objetivo descrito aqui foi o de demonstrar a des-representatividade do gênero feminino nessas ementas. Essas reflexões tencionaram pensar em um determinado autor, supracitado em todas as ementas: Claude Lévi-Strauss, que para quem não sabe foi casado com Dina Lévi-Strauss que também era Antropóloga. Trago nos próximos tópico alguns questionamentos sobre sua invisibilidade junto a outras mulheres, iniciando com Ruth Landes.

### Mulheres invisibilizadas

Outra experiência fortuita para a escrita desse trabalho foi quando conheci a Antropóloga Ruth Landes em uma das raras aulas de teoria antropológica na qual se tem uma autora mulher para discutir. Foi a partir da resenha da antropóloga Regina Abreu (2003) sobre o livro “*A cidade das mulheres*”, escrito por Ruth Landes na década de 1938-1940, mas publicado no Brasil somente em 1967. Assim pude conhecer um pouco da sua trajetória tão influenciada pelo seu mestre Franz Boas e sua orientadora Ruth Benedict, saindo da Universidade de Columbia para o Rio de Janeiro e também para Bahia onde foi o seu campo privilegiado, isso tudo antes da Segunda Guerra Mundial.

A história de Ruth Landes na antropologia acirrou ainda mais a vontade de escrever sobre essa questão. Essa antropóloga revolucionou a forma de pesquisar naquele momento histórico, destacou o lugar da experiência etnográfica, para além das pesquisas de campo e dos diários de campo como o lugar privilegiado de construção da alteridade. Esse momento também destaca outra dimensão: a dimensão do “eu” ou da subjetividade, principalmente destaca-se nessa experiência o gênero do pesquisador como inseparável da pesquisa e ao mesmo tempo das eventuais circunstâncias que ela promove. O falar de si e o construir a si mesma nessa narrativa tornam-se indissociáveis da produção do texto, na contramão de uma tradição hegemônica nas ciências sociais que bane a primeira pessoa dos relatos científicos.

Mark Healey (1996) em seu artigo “Os desencontros da tradição em cidade das mulheres” publicado na Revista Cadernos Pagu, o autor destaca que para Landes o seu doutorado a “dessexualizou”, pelo menos em termos das possibilidades intelectuais e acadêmicas, mas por outro lado, essa posição não se desfragmentou de sua pessoa como mulher, e mesmo que a pesquisadora pudesse ser considerada como um homem honorífico,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ela era elogiada e censurada como uma pessoa – mulher privada – pela cultura patriarcal que ela estudava assim como pela maioria de seus colegas homens. Esses desafios que Landes pode enfrentar a nível prático, dentre eles, além do saber lidar com a língua portuguesa, enfrentava também no campo de pesquisa quando só conseguiu começar um trabalho estável, depois de conseguir um protetor masculino.

Além de desafiar a ciência masculinista, a antropóloga ainda teve que lidar com um momento difícil que se passava no Brasil: a ditadura militar, presidida pelo governo de Getúlio Vargas, que mais tarde fez a pesquisadora ir embora da Bahia. Em relação ao seu ofuscamento na antropologia pode ser explicado quando suas descobertas foram desqualificadas por Arthur Ramos, figura que na época era professor catedrático de antropologia na Universidade do Brasil, e por Melville Herskovits, da North-Western University, esses dois trocaram correspondências compartilhando o desprezo pelo trabalho da autora, que, para eles era visto como mero relato de viagem, ou seja, não era ciência.

Abreu (2003) retrata que a trajetória de Ruth Landes e sua experiência pelo Brasil

produziu bons frutos tanto para a antropologia demonstrando o outro lugar da mulher dessa época seja nos terreiros, quanto para a ciência, tendo ela como um exemplo de mulher e pesquisadora. Assim, ao conhecer um pouco da história dessa antropóloga, fui em busca de outras mulheres que também não possuem suas obras e seus feitos para a ciência, dialogados na sala de aula. Nesse sentido, tive a sorte de conseguir emprestado um livro de Mariza Corrêa, *o Antropólogas & Antropologias*;<sup>2</sup>

O Trabalho de Mariza Corrêa, Antropóloga que foi a autora do único livro do Brasil que resgata algumas mulheres esquecidas na Antropologia Clássica. Em sua obra “*Antropólogas & Antropologias*”, título no qual afirma ter formulado por meio de uma brincadeira linguística com a obra já produzida por Adam Kuper, “*Antropólogos & Antropologias*”, Mariza Corrêa (2003) dialoga sobre qual o lugar das mulheres nos primórdios ou até mesmo, no processo em que a Antropologia ainda estava se localizado como uma ciência. Especificamente destaca a presença de três mulheres importantes para essa disciplina e que serão mais à frente comentadas: Diná Lévi-Strauss, Emilía Snethlage, Leolinda Daltro, Heloisa Alberto Torres e Ruth Landes.

<sup>2</sup> Esse material não existe em formato digital aberto e para adquirir o livro, seu valor está em torno de 300 reais em alguns sites de livros usados, demonstrando a raridade dessas páginas ao mesmo tempo a dificuldade

de nós estudantes de termos o contato com essa outra história da antropologia.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

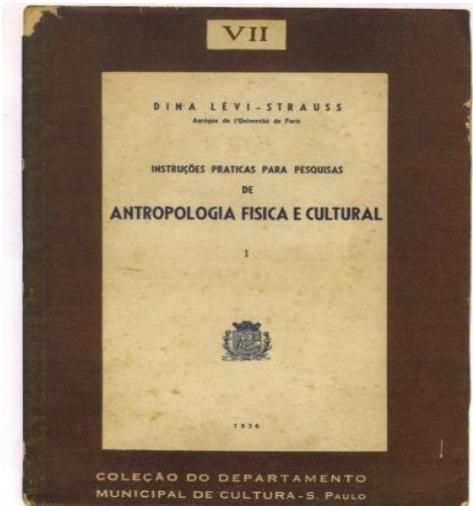


Figura 1 - Frontispício do livro *Instruções práticas para pesquisas de Antropologia física e cultural*, de Dina Lévi-Strauss. A série deveria se completar com um volume II (Etnografia) e III (Sociologia).  
Fonte: Acervo do Projeto História da Antropologia no Brasil/AEL/UNICAMP.

Figura 1- Foto disponível no livro *Antropólogas & Antropologias* de Mariza Corrêa.

A figura 1 se torna essencial para iniciar esse diálogo, pois Dina Lévi-Strauss <sup>3</sup>faz refletir o porquê que o nome dela não é citado nas aulas de antropologia, enquanto o do seu marido também antropólogo é considerado um dos clássicos da disciplina. Porque seu nome não aparece nas aulas de teoria antropológica? Porque o seu livro nem se quer é citado? Porque seus trabalhos não estão disponíveis para leitura, inclusive o livro com o título “*Instruções práticas para pesquisas de Antropologia física e cultural*” Sua invisibilidade, fez nortear indagações também sobre outras mulheres que fizeram parte da história da antropologia.

<sup>3</sup> Segundo Mariza Corrêa (2003) autora desse livro só era lembrada nos noticiários e no ambiente público de um modo geral como “o casal Levi-Strauss” ou “a mulher de Levi-Strauss”. Pelo marido é somente citada

O processo de formulação dessa obra começou em 1989, porém as indagações que norteavam esse processo começaram bem antes, em 1984, quando a pesquisadora estava efetivando a tarefa de fazer a história da Antropologia no Brasil. Corrêa (2003) verifica que diferentes dos conjugados no masculino, essas mulheres viraram personagens de romances, como também foram o foco de vários comentários ácidos de jornais. Elas passaram a história como personagens menores, figuras de corredor, diferente da visibilidade que os homens da antropologia detinham. Assim, a tentativa dos romancistas era a de recolocar essas figuras femininas ao seu lugar através da recorrente metáfora da natureza que se rebelava contra elas é uma evidência que marcava aquele momento histórico. As relações entre homens e mulheres naquela esfera pública era de oposição entre mundo público e doméstico, no qual, ao saírem do mundo doméstico, partindo para o mundo público eram vistas como poluidoras.

De fora sucesso de dentro fracasso, é uma afirmação de Corrêa (2003) importante para contar essa história. Heloisa nunca conseguiu fazer do Museu Nacional o centro da antropologia que desejava implementar, pois não conseguia obter verbas nacionais

na nota de rodapé nas suas obras “Tristes Trópicos” e “De perto e de longe”.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

necessárias para os seus projetos. Porém, hoje esse museu é o centro de etnologia reconhecido não só nacionalmente, mas também mundialmente. Emília, ornitóloga, não ocupou cargos em que sua titulação estava apta, mas, hoje é muito lembrada na sua área. Leolinda, apesar de desiludida da carreira de indigenista e feminista ao criar o Serviço de Proteção aos índios, por não conseguir eleger-se para cargos públicos, também é lembrada na atualidade pelas suas lutas políticas onde emergia o feminismo ainda embrionário. Outras mulheres estiveram no campo na forma de auxiliares de pesquisa inestimáveis, segundo o relato de seus próprios maridos, como é o caso de Yolanda Murphy, que em um romance escrito por David Maybury-Lewis destaca seu papel central entre os Xavante. Já Edith Turner só veio a ser descoberta como antropóloga após a morte de seu marido quando a mesma escreve um livro sobre a memória dos anos que passou com o marido Victor Turner pesquisando na África.

Miriam Grossi (2010) ao analisar a presença e a contribuição das mulheres nas antropologias “centrais” da França, Estados Unidos, Grã-Bretanha e na América Latina, salienta que muitas mulheres participavamativamente da constituição da disciplina desde o final do século XIX, como pioneiras na realização de trabalho de campo, elas ficaram relegadas a um lugar secundário na produção

teórica *main stream* da disciplina durante parte do século XX. A autora elucida que o estudar mulheres cientistas no mundo ocidental, nos defrontávamos com uma noção de pessoa dominante, de que o cientista é um homem que pertencem às elites: branco-ocidental, heterossexual, pai de família. Nesta concepção de pessoa que constitui o modelo de cientista, a mulher é vista como um complemento, uma auxiliar que deve dominar os conhecimentos, línguas e campos trabalhados por seu marido e que ela é um apoio indispensável para a construção da carreira do marido, desde que “desapareça” enquanto pessoa autônoma. Em um de seus exemplos, cita a Mme Louise Emile Durkheim que durante vários anos, ela copiou seus manuscritos, corrigiu todas as provas de seus livros. Após a sua morte, sem ela a Année Sociologique teria sido um fardo para Durkheim, pois sua esposa sempre participava nas confecções dos manuscritos, sem ela, atrasou a publicação de uma obra sua.

Devido a imensidão que essa pesquisa foi sendo aprofundada, foram surgindo outras mulheres e suas grandes trajetórias que sem duvidam foram e são imprescindíveis para a Antropologia, faltaria papel para trazer as suas histórias e contribuições, mas sem delongas, pensando no caminho que esse trabalho traçou, é também necessário analisar o gênero e suas relações interseccionais, tencionando raça e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

classe, com importantes para as discussões feministas.

### Uma análise de gênero interseccional

Devidos a alguns resultados das análises tanto das ementas como das bibliografias que falam sobre essas mulheres, viu a necessidade de estender o debate da, tentando reconfigurar esse sujeito, descentralizando-o do foco de um debate feminista fechado, expandindo o diálogo ao relacionar com classe e raça, debate que é estendido também, pelo meu lugar de fala, como uma estudante de antropologia periférica e negra.

Miriam Grossi (2010) traz algumas considerações importantes sobre o pertencimento dessas mulheres antropólogas. Especificamente a inglesa. A autora retrata que são jovens de famílias com boa situação financeira, em geral filhas de altos funcionários coloniais, das grandes famílias educadas nas principais universidades britânicas. Suas biografias mostram que é por suas vidas de crianças ligadas ao colonialismo na África. É o caso de Dayse Bates que estudou na Austrália e foi contemporânea de Malinowski, de Monica Wilson nascida na África do Sul, Audrey Richards, Philis Canberry, Mary Douglas e Jean Lafontaine, todas educadas em diferentes lugares do

sistema colonial britânico. Ou seja, eram mulheres brancas.

Butler (2003) acaba por resistir a domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero, ou dos estudos sobre as mulheres, radicalizando a crítica feminista. Ao dialogar sobre esse foco das “mulheres” como sujeito do feminismo, retrata que essa forma de representação política acaba se tornando um termo operacional, que por um lado da visibilidade e por outro essencializa. Assim, os domínios da representação política e linguística estabelecem a priori o critério segundo qual os sujeitos são formados com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito. Dessa forma, o termo “mulher” não denota uma identidade comum, o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente, o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas

Assim a questão levantada nessa sessão é, onde estavam as mulheres negras? Não existe antropólogas negras nesse período histórico de início e consolidação da disciplina? Não cheguei a encontrar esses dados na área da Antropologia. Mas a filósofa Djamila Ribeiro (2017) nos dá algumas pistas quando questiona sobre o lugar da mulher negra nos estudos feministas e a falta de representatividade para essas mulheres na



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

história desse movimento, trazendo para o debate as algumas mulheres negras que se reivindicam enquanto produtoras de conhecimento. Utilizando um argumento de Simone de Beauvoir quando afirma que a mulher é o “outro” em relação ao homem que é representado como o “sujeito principal”. Ribeiro (2017) vai afirmar com os argumentos da autora Grada Kilomba que se a mulher branca é o outro, a mulher negra é o outro do outro, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade, num espaço vazio que sobrepõe às margens da raça e do gênero, o chamado terceiro espaço e segundo Angela Davis (2016) está no último lugar da pirâmide.

Assim a luta das mulheres é bem complexa, não corresponde a uma só representação, de classe e raça, e ao mesmo tempo não só diz respeito a elas, as mulheres negras também devem estar também em evidência, mesmo que seja para destacar a sua ausência... Haraway (2009) ao discutir sobre o Manifesto Ciborgue, considerando as afinidades e coalizões como conexões parciais entre os sujeitos necessárias para fazer política, olha para as suas alianças, afinidades e transformações parciais que eles se movimentam, sem negligenciar os fatores históricos. No sentido de ampliar dimensões e questionar oposições, destacou alguns apontamentos, na busca por um afastamento das generalizações perigosas da ciência, no

sentido de refletir sobre o poder para demonstrar que a dominação nunca é absoluta ao considerar a agência, a prática e as movimentações históricas.

### Considerações finais

Como já foi destacado no início, as ideias que formularam esse trabalho surgiram da minha própria trajetória no curso de graduação em Ciências Sociais, partindo da própria análise das ementas de teoria antropológica quando claramente se observa uma escassez de autoras mulheres para as leituras obrigatórias. Nesse sentido, ao conhecer a história de Ruth Landes nas aulas de teoria antropológica I da pós-graduação, veio em mente, o porquê que não dialogam sobre ela, se observarmos que os trabalhos dos autores tão falados já foram ultrapassados em vários sentidos, porém existe uma grande contribuição para a história da disciplina, essa mulher não teria nenhuma contribuição?

Emilia, Leolinda, Heloisa, Dina Levi-Strauss, Edith Turner, Yolanda Murphy, Helen Pierson e Ruth Landes através do trabalho de primordial importância para a história da antropologia de Mariza Corrêa, demonstra que as mulheres estavam presentes nesse momento, e que suas abordagens eram tão importantes quanto dos seus dublês. A leitura dessa obra deveria se tornar obrigatória para o início do encontro com essa disciplina, antes



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mesmo de falar dos homens, demarcar a contribuição dessas mulheres vai para além de um questionamento político de visibilidade delas na ciência, mas também, é uma atitude honesta e democrática com a disciplina, ao dialogar sobre todos que estavam presentes desde a sua formulação.

Nesse sentido, para efetivar essa tarefa é necessário que o livro “*Antropólogas e antropologias*” seja mais acessível para todos a sua circulação, que os professores de teoria antropológica que possuem o seu acesso busquem maneiras de fazê-lo circular, mas pessoas precisam ter acesso, esse dialogo precisa ser travado nas salas de aula, nós mulheres pesquisadoras precisamos saber da nossa história, a história de que nós mulheres estávamos mesmo que em pouco número ocupando espaços, mesmo visibilizadas em romances, acusadas pela mídia e ou deslegitimadas pela própria academia, nosso corpo estava presente e nossas contribuições foram pertinentes para essa história. A palavra mulher foi supracitada nesse trabalho, pois há boatos que quanto mais se repetem as palavras, elas acabam fixando por mais tempo nas nossas memórias, então vou repetir quantas vezes for possível o nome mulher, para que ele não seja esquecido jamais!

Para finalizar, Miriam Grossi (2010) ajuda a perceber que a presença das mulheres é inegável ao mesmo tempo que invisível na

história oficial da disciplina, em países centrais, como França, Inglaterra ou Estados Unidos, e que, apesar de haver, neste momento histórico contemporâneo um número maior de mulheres em todas as instâncias da comunidade acadêmica, como alunas, professoras e pesquisadoras, suas participações políticas em cargos de destaque e direção em laboratório e associações científicas é ainda numérica e qualitativamente bastante inferior a de homens.

Donna Haraway (1995) destaca que a visão, o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar escapando à representação, corresponde ao olhar da posição não marcada de Homem e Branco cientista. E é esse homem que está lotando a lista de autores das ementas de teoria antropológica, que apesar da história dessa disciplina ser repleta de mulheres, ainda é difícil localizar os seus trabalhos.

### Referências bibliográficas

ABREU, Regina. LANDES, Ruth. 2002. **A Cidade das Mulheres.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 pp. Mana 9(1):151-159, 2003.

BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da**



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

**identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (cap. 1, pp. 15-60)

**CORRÊA, Mariza. Antropólogas e antropologia.** Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2003.

**DAVIS, Ângela. Mulher, raça e classe.** Boitempo: São Paulo, 2016.

**FOUCAULT, M.** História da Sexualidade I: a vontade de saher. Trad. M.T. C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

**GROSSI, Miriam Pillar. Antropólogas no século XX: uma história invisível.** In: DIÁLOGOS TRANSVERSAIS EM ANTROPOLOGIA, 2010, Florianópolis.

**HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue.** In: SILVA, Tomá Tadeu. Antropologia do Ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

\_\_\_\_\_.(1995). **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** *Cadernos Pagu*, (5), 7-41.

**HEALEY, Mark. Os Desencontros da Tradição em Cidade das Mulheres: Raça e**

**Gênero na Etnografia de Ruth Landes.**

Cadernos Pagu (6-7): 153-200.1996.

**RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar De Fala?**

Belo Horizonte: Letramento, 2017. (19-51)